



A TRAJETÓRIA DE EXÍLIO DE LUISA CARNÉS

ANA PAULA CABRERA (UFSM)

RESUMO: Neste trabalho apresentamos parte da tradução da obra inédita no Brasil de uma das escritoras espanholas esquecidas pela história – Luisa Carnés (Madrid, 1905- México, 1964). Considerada uma de “las sinsombrero” da chamada “Generación de las Modernas”, Luisa Carnés é parte de uma geração de grandes mulheres que protagonizaram a imagem do século XX espanhol. Um dos objetivos é criar um método de tradução para a obra de Luisa Carnés que privilegie a trajetória de exílio que a obra propõe. Para tanto, pretendemos apresentar partes das obras: *De Barcelona a la Bretaña francesa* (1939); *El eslabón perdido* (1957), que permaneceram nas sombras por quase cinquenta anos. Um resgate em forma de testemunho que analisa as dificuldades dos intelectuais no exílio mexicano. A justificativa de tal recorte baseia-se na importância de tornar conhecida a literatura de exílio espanhol de 1939, uma vez que o seu desconhecimento limita a compreensão de todo um período. Traduzir a obra de autores exilados constitui uma tarefa imprescindível que pode ajudar a delinear uma parte da literatura do século XX. Para esta pesquisa nossa proposta é trabalhar com teóricos como: Antonio Plaza Plaza, Seligamn-Silva, Iliana Olmedo.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio Espanhol. Geração de 1939. Luisa Carnés.

RESUMEN: Este trabajo presenta una parte de la traducción de la obra inédita en Brasil de una de las escritoras olvidadas por la historia – Luisa Carnés (Madrid, 1905- México, 1964). Considerada una de “las sinsombrero” de la llamada “Generación de las Modernas”, Luisa Carnés es parte de una generación traducción grandes mujeres que protagonizaron la imagen del siglo XX español. Uno de los objetivos es crear un método de traducción para la obra de Luisa Carnés que privilegie el camino de exilio que la obra propone. Por lo tanto, proponemos presentar parte de las obras: *De Barcelona a la Bretaña francesa* (1939), *El eslabón perdido* (1957), que permanecieron en las sombras por casi cincuenta años. Un rescate en forma de testimonio que examina las dificultades de los intelectuales en el exilio mexicano. La justificación de este recorte se basa en la importancia de dar a conocer la literatura del exilio español de 1939, una vez que su desconocimiento limita la comprensión de todo un período. Traducir la obra de autores exiliados compone una tarea imprescindible que puede ayudar a delinear una parte de la literatura del siglo XX. Para esta pesquisa nuestra propuesta es trabajar con teóricos como: Antonio Plaza Plaza, Seligamn-Silva, Iliana Olmedo.

PALABRAS CLAVE: Exilio Español. Generación de 1939. Luisa Carnés.

1 INTRODUÇÃO

Terminada a guerra, mesmo derrotadas, as espanholas da “*Generación de las Modernas*” permaneceram fiéis a si mesmas e continuaram sua luta no exílio. Não temos como precisar historicamente como a guerra na Espanha fragmentou a trajetória de várias gerações perdidas para sempre. Gerações que perderam sua pátria, seu futuro em seu país, bem como a possibilidade de realização plena em suas vidas.



A história das mulheres espanholas conta com uma abrangente trajetória de resgates. O feminismo na década de 1970 e a evolução das ciências humanas e sociais dos anos 1980 representam marcos fundamentais na recuperação de uma grande área política e social, apesar do importante papel demográfico das mulheres e das funções que desempenharam na modernidade sociopolítica.

Gradualmente as novas perspectivas e debates em diferentes áreas como filosofia, teoria feminista, bem como a nova história cultural britânica e norte-americana transformaram a história das mulheres em estudos de gênero, com um extenso marco historiográfico que remete ao problema do poder, da desigualdade, da autonomia feminina e das diferenças que geraram grande produtividade. Na Espanha a partir dos anos trinta, observamos as principais investigações sobre o tema, centrados na análise da atividade feminina dentro do movimento trabalhador, na origem do sufrágio, nos anos da Segunda República e na Guerra Civil como períodos de muito êxito.

Nosso trabalho seguirá diretrizes teóricas marcadas pela história das mulheres exiladas, utilizando uma metodologia que enfatize o processo tradutório da obra de Luisa Carnés. A justificativa de tal recorte baseia-se na importância de tornar conhecida a literatura de exílio, uma vez que o seu desconhecimento limita a compreensão de todo um período. Desta maneira traduzir a obra de autores exilados constitui uma tarefa imprescindível que pode ajudar a delinear uma parte da literatura do século XX.

Nas últimas décadas, várias escritoras espanholas esquecidas dos anos trinta passaram a despertar o interesse de pesquisadores, editores e leitores. São escritoras que viveram na sombra, sobre a ação da censura espanhola e eram lidas em outros países como é o caso de Luisa Carnés. A obra de Luisa Carnés é inédita no Brasil e por ser esta a primeira tradução se faz necessário um processo de interpretação e compreensão de como são as narrativas de exílio da autora.

Sua produção literária inclui romances e peças teatrais, algumas publicadas no México no final dos anos setenta, pelo editor galego Alejandro Finisterre. O silêncio editorial de Luisa Carnés durou até 2002, quando quase simultaneamente apareceram



obras como: *El eslabón perdido* (publicado por Antonio Plaza Plaza), *Novela del destierro* (publicada pela Biblioteca de Exílio) e as três obras dramáticas: *Cumpleaños*, *Los bancos del Prado* e *Los vendedores del miedo*, (publicadas pelos *Directores del Teatro de España*). Em 2014, Antonio Plaza Plaza publicou outra obra de Luisa Carnés: *De Barcelona a la Bretaña francesa: episodios de heroísmo e martirio de la evacuación española*, neste mesmo ano também foi publicada uma edição especial de *Tea rooms: Mujeres obreras*, um romance de relatos e memórias.

As obras de Luisa Carnés fazem parte de uma coletânea de autores contemporâneos clássicos e inéditos, mas parte se sua bibliografia continua inacessível. Os textos de Carnés, localizados em jornais a partir da década de 1920, são inúmeros. Entre eles destacam-se contos e romances como: *Mar adentro* (1926); seu primeiro livro de contos *Peregrinos del Calvário*, que reúne contos como: *El pintor de los bellos horrores*, *El outro amor*, *La ciudad dormida e Natascha* (*Mundo Latino*, 1930), seu primeiro romance.

Ao final dos anos trinta, Luisa Carnés passa a figurar no âmbito cultural das chamadas “*editoriales de izquierda*”, que impulsionavam a literatura social de pré-guerra, e inicia seu trabalho jornalístico em jornais como: *Ahora*, *Mundo Obrero*, *Alta voz del Frente*, etc. As vertentes políticas, literárias e teatrais parecem se completar representando um fio condutor para a história dessa mulher.

1.1 A trajetória

Luisa Carnés teve uma escolarização breve. Durante sua adolescência, aprendeu a ler e a escrever com muito sacrifício, a dura realidade, a miséria cotidiana e a luta pela vida no bairro de *Chamberí* (Madrid), onde Luisa vivia, eram intensas. Autodidata, descobre a literatura através de suas leituras em jornais e livros da biblioteca. Entre seus autores preferidos figuram Cervantes, Tolstói e Dostoiévsky.

Seus primeiros contos parecem datar de 1923 - não foram encontradas referências de suas publicações nos jornais de Madrid até 1926 - quando ela publicou *Mar adentro*, em um jornal chamado *La Voz*, onde foram localizados mais de setenta contos escritos pela autora entre 1926 e 1964¹. Tanto seus contos como seus primeiros



romances apresentam traços autobiográficos e diferentes aspectos da vida cotidiana, enfatizando suas experiências laborais.

Militante comunista até o final de sua vida, Luisa apresentava uma literatura comprometida com a sociedade, o feminismo e a cultura. Seu romance *Tea rooms: Mujeres Obreiras* (1934) relatava a exploração das garçonetes de um café e denunciava as condições de trabalho das mulheres, justificando ao mesmo tempo o papel libertador da educação para acabar com a opressão sofrida pelas mulheres, defendendo vigorosamente a classe trabalhadora.

Com o início da Guerra Civil, seu compromisso literário e político cresce, e Carnés passa a integrar a redação do jornal *Mundo Obrero* e *Altavoz del Frente* (Madrid). Em 1936 estréia no *Teatro Lara*, rebatizado *Teatro de la Guerra*, sua obra *Aí Empezó*, pertencente ao teatro de urgência cujo texto nunca foi localizado. Comprometida com a *Frente Popular*, juntamente com outros escritores e intelectuais, é transferida para *Valencia* —convertida em capital provisória da República— junto com o aparato político e ideológico dos partidos da coalizão governante, onde permanece até 1937, quando se transfere para Barcelona.

Em 1939 junto com inúmeros republicanos, atemorizados pelas represálias do exército franquista, cruzam a fronteira francesa. Luisa permanece dois meses presa na França, período que a escritora descreve em seu livro *De Barcelona a la Bretaña Francesa* (1939), onde relata por meio de um testemunho pessoal sua estadia na França como refugiada que termina no México. Escreve uma obra complementar chamada *La hora del odio*, que permanece inédita.

No México, Luisa continua sua luta, o sofrimento e a dura experiência de trabalho na juventude a transformam em uma mulher forte e determinada. Em 1941 se naturaliza mexicana, como muitos outros exilados, para poder trabalhar. Trabalha como jornalista em vários jornais mexicanos, colaborando com suplementos literários semanais. Nunca deixou de lado sua ideologia nem sua produção literária. Escreveu vários romances, e esporadicamente escrevia peças teatrais e poemas.

¹ “Mar adentro”, *La Voz*, 22-X-1926. (PLAZA, A., 2010, p. 98).



Considerada uma das primeiras mulheres a exercer o jornalismo como profissão no México, possui uma produção literária notável, composta por uma biografia, quatro romances, três romances curtos, mais de trinta contos e quatro obras de teatro - uma inacabada- e duas composições poéticas. Em 1945 publica a biografia *Rosalía de Castro*, em 1947 começa a escrever *Juan Caballero*, um romance ambientado no período pós-guerra espanhol, em que descreve a luta da guerrilha republicana contra o regime franquista. Terminada em 1948, essa obra recebeu o prêmio “*La Nación*”.

As obras literárias de Luisa Carnés, desde o início de sua escrita em 1934 até a data de sua morte em 1964 no México, reafirmam o compromisso social e político, ressaltam o papel da mulher, defendem a paz, a luta pela integração social e racial. Denunciam a ditadura franquista e o compromisso com o povo espanhol que sofre com a privação da liberdade.

1.2 Dois breves relatos

Iniciaremos com o romance social: “*De Barcelona a la Bretaña Francesa*” (1939), editado por Antonio Plaza Plaza em 2014, que apresenta um testemunho pessoal dos últimos meses da Guerra Civil na Cataluña, sua prisão na França até ser levada para o México junto com outros refugiados, onde Carnés traça através de breves textos o relato da evacuação. Tais textos se aproximam de uma narrativa de memórias, mas estão mais próximos das narrativas de testemunho e crônica. A seguir passaremos para o romance *El eslabón perdido*, (1957-1958), editado por Antonio Plaza Plaza em 2002, que marca o período durante o exílio no México, onde a escritora expõe os conflitos que os cercam.

Em *De Barcelona a la Bretaña Francesa*, Luisa Carnés descreve sua percepção da guerra bem como, sua participação nela. O livro expõe uma viagem incerta, com um tom de esperança de regressar à pátria que se perdeu e que um dia esperam retornar. O primeiro relato ocorre pouco antes de terminar a guerra, em uma espécie de restaurante de Barcelona, e o último descreve a situação das mulheres refugiadas no *Château Aérium Marin de Bréceáu*, no momento que Luisa está prestes a partir para o exílio.



Carnés elucida sua visão pessoal da guerra e constrói um documento direcionado a um público amplo. A autora direciona a visão do seu leitor através do testemunho. O texto de Luisa Carnés narra a desilusão e o fim da utopia coletiva que significou os anos republicanos, um momento de ruptura cultural. Esse livro representa um documento introdutório sobre a experiência do exílio republicano, trata dos últimos meses da Guerra Civil na Cataluña, sua prisão na França até ser levada para o México junto com outros refugiados.

Tais textos se aproximam de uma narrativa de memórias, mas parecem mais próximos das narrativas de testemunho- daquelas que mais parecem uma das razões que podem ajudar um exilado a sobreviver. Carnés aborda sua percepção e participação na guerra, permitindo que a testemunha não morra, como se essa fosse a única razão de (sobre) viver. De alguma maneira a autora no faz recordar de Primo Levi que se torna escritor unicamente para testemunhar.

Existem dois termos para representar a palavra testemunha, de acordo com Selligman –Silva (2008, p.65), o primeiro, “[...] testis, que significa aquele que se põe como terceiro”, e que deriva do termo testemunha. O segundo “[...] supérstite, que representa aquele que viveu algo, que atravessou até o final um evento e pode dar um testemunho disso”. Acreditamos que Luisa Carnés é, em todos os sentidos, “supérstite”, por expor sua percepção da guerra, bem como, sua participação nela. A perspectiva de retorno, mantém acesa a luz da vida.

Notamos que Luisa Carnés direciona a visão do seu leitor através do testemunho e, de acordo com o que apresenta Doris Sommer (1988, p. 130), diferente do autor autobiográfico que pode permitir-se não ser entendido, o autor de um testemunho espera ser entendido, ele espera que suas demandas ou explicações modifiquem a visão do leitor. Dessa maneira, os textos de Luisa Carnés narram a desesperança e o fim da utopia coletiva dos anos republicanos, que significaram um momento de ruptura cultural que reflete a visão de uma escritora peregrina, que passa de combatente do fascismo à refugiada. Por meio da obra desta *sinsombrero* olvidada pela Guerra Civil Espanhola e o



franquismo, observamos uma gênese do espaço literário, revisitando temas até então evitados.

Em *El eslabón perdido* (1957-1958), seu primeiro livro editado na Espanha depois de sua morte no exílio, e provavelmente o último livro escrito pela autora, observamos uma obra que provavelmente representa o começo da repercussão literária de Luisa Carnés depois de permanecer olvidada por mais de quarenta e cinco anos.

Em *El eslabón perdido* (2002), Carnés define a experiência do exílio do ponto de vista dos pais exilados, discutindo em primeiro lugar a progressão temporal. Ao longo do romance observamos o conflito do protagonista, em busca de entusiasmo para transitar da batalha íntima, que trava como exilado, diante da batalha coletiva, que é parte de um grupo, onde procura encontrar a razão do seu papel no exílio e o significado da sua luta, e da sua guerra.

Na visão da escritora o refugiado deveria manter o olhar para Espanha e a mente concentrada na derrota de Franco, pensar de outra maneira soaria como uma traição: a República, a Espanha e aos ideais pelos quais combateram. *El eslabón perdido* (2002), retrata esse conflito entre a adaptação e o compromisso. Olmedo considera que esse é um romance com caráter de “[...] autoexploración, que muestra la capacidad humana para reconciliar el pasado y el presente” (2004, p. 127). Esse paradigma é demonstrado através das frequentes viagens do protagonista do livro à Veracruz - seu refúgio do presente mexicano que é o substituto do passado espanhol. Carnés disserta sobre as diferenças do México e da Espanha do mesmo modo como havia escrito nos jornais espanhóis antes da guerra. Sua descrição parte sempre de sua experiência, e a autora busca lugares onde se realizam atividades que lhe proporcionem tal vivência.

O romance narra a vida de um professor exilado, César Alcántara, que precisava enfrentar as contrariedades de sua estadia no México. A ação do romance ocorre dezoito anos depois de sua chegada ao México, como nos informa o narrador.

Durante a narrativa, o pai faz considerações sobre a situação em que vivem seus filhos, que diferente dele, encontram-se perfeitamente ambientados no país onde

cresceram.
e as



recordações que ela proporcionava estão cada vez mais distantes da realidade em que vivem. A autora argumenta que a verdadeira geração perdida não era a dos jovens, que bem ou mal conseguiam adaptar-se às novas realidades

passando a integrá-las, e sim a sua própria geração- os que saíram da Espanha e que sentiam que perderam seu lugar natural devido ao exílio.

No exílio enquanto os emigrados da geração de 1939 tentavam sobreviver buscando a felicidade naquele país desconhecido, seus descendentes, conhecidos como a “segunda geração”, tratavam de esquecer as recordações que atormentavam seus pais, a esperança de retornar para Espanha e resgatar uma vida abandonada há muitos anos era impossível para “segunda geração”, pois se encontravam totalmente ambientados. Os filhos dos emigrados pensavam em aproveitar as oportunidades de prosperar no país de acolhida.

Parece ser comum ao escritor exilado estabelecer um comparativo do lugar que deixou com o lugar em que vive. Frequentemente recorrem ao presente que deixaram no passado e reconstroem através da memória a paisagem que observam no presente, estabelecendo comparações com lugares que possam parecer comuns entre as duas pátrias (México e Espanha). Carnés escreve vários artigos com essa temática, mesmo sendo o México e a Espanha tão diferentes, a autora estabelece uma relação entre os dois países. Para ela, um elemento que constitui uma das principais similitudes entre as dois países é o mar.

O personagem César Alcántara, do romance *El eslabón perdido* (2002), passeia pela rua Puente de Alvarado no centro histórico mexicano, descreve o ambiente e a cidade estimulando em sua memória a recordação de Madri, [...] pulquerias de agrios olores, vendedores de elote y tamales calientes, y el de plátano y camote asado, cuya máquina de latón y alambre aumenta mi nostalgia Al recordarme los vendedores madrileños de patatas asada y su grito inolvidable: ¡Chuletas de la huerta!”(CARNÉS,

in PLAZA,
p.157).



2002,

Identificamos nesse trecho que a comparação desperta a nostalgia.

De acordo com Plaza podemos observar no romance, *El eslabón perdido* (2002), muitos elementos comuns com outros escritores emigrados como Clemente Cimorra “Gente sin suelo”, e Manuel Andújar “Cita de Fantasmas”. Piña Rosales (2003, p. 69), explica que em “Cita de Fantasmas”, Andújar revela a principal chave de sustentação

comum aos três autores mencionados, aborda as três gerações que foram para o exílio. Os “titulares”, os que “fizeram literatura” e a “terceira geração”, a dos filhos que foram quando crianças para o México. Esses jovens estavam entre dois mundos, entre duas culturas, entre dois ambientes. Assim, notamos o contraponto entre lugares, similaridades e diferenças que estruturam a narrativa de Luisa Carnés no exílio, e por que ela se conduz através de uma espécie de crônica do México e ao mesmo tempo um relato sobre a Espanha.

Cabe ressaltar que os textos de Carnés abarcam dois conjuntos que evidenciam o ideal exilado - um que expressa parte de uma realidade desconhecida e outro que denuncia o que acontece em seu entorno. Olmedo esclarece que: “[...] Los intelectuales exiliados se consideran a sí mismos parte de la cultura en la que ya no sólo participan, sino también escriben y la mayoría habla de México” (2013, p. 214). Dessa maneira, a escritora passa a escrever romances e contos que expõem as realidades que a envolvem.

Luisa Carnés, assim como os demais intelectuais exilados no México, constata que estar exilado é estar fora do seu lugar. A diferença entre o ideal imaginado e a realidade mexicana apresentada aos exilados logo de chegada revela as dificuldades de compreensão do contexto político e a falta de oportunidade de participar desse contexto.

No romance *El eslabón perdido* (2002), Luisa apresenta um questionamento sobre uma revolução que inicialmente parecia encorajadora, mas que se converteu em um sólido e irreversível bloqueio. Isso porque, os exilados republicanos a princípio, não realizavam análises críticas do contexto que os cercava. Apenas se integraram ao sistema do governo que os recebeu e protegeu como meio de sobrevivência.



Principalmente nos primeiros anos, o objetivo central dos exilados republicanos se concentrava na Espanha, as revistas patrocinadas por eles mantinham um discurso pouco crítico sobre o governo mexicano. A intenção dos exilados consistia em realizar uma primeira exploração do México, as crônicas de Carnés seguem por essa tênue linha.

Com o tempo, a cidade passa a representar uma contradição da modernidade, a escritora observa que essa divisão ocorre de duas maneiras: uma que compreende novos modos de vida e costumes menos tradicionais; e outra, que inclui o lugar onde existe a corrupção, a pobreza e a exploração. Após muitos anos, a escritora consegue entender

sua nova realidade, não mais com a visão de turista, e sim a partir de sua própria experiência de exilada.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa aponta para relações de trocas culturais e intercontinentais que uniram Espanha e México. Os países da América Latina eram jovens nações que lutavam por autonomia- literária e cultural. O México sem dúvida, alcançou uma grande evolução cultural, artística e literária com a chegada dos intelectuais espanhóis no período de 1937 a 1939. As mulheres exiladas que saíram da Espanha após a derrota republicana parecem ter composto a maior migração feminina da história contemporânea.

Notamos que existe uma tendência a resgatar histórias que se dissiparam em meio à guerra, conduzindo a um caminho desconhecido ou como cita a própria Luisa [...] un camino que lleva al deseo animal de dejar de sufrir, al menos por unas horas” (CARNÉS, 2014, p.91), fragmentos de um mosaico esquecido através de obras que o tempo apagou.

Ao examinar a breve narrativa de Luisa Cranés, resulta inevitável comparar seu trabalho com o de autores espanhóis que escreveram contos sobre o México, gênero que gozava de grande tradição no país, com autores de renome como Juan de la Cabada (1899-1986); José Revuletas(1914-1976), Juan Rulfo (1917-1986), cujas obras gozavam



de grande
na
coincidem

prestígio
imprensa e
com as

publicações dos escritores exilados espanhóis. Dos autores exilados que possuem uma narrativa no México observamos que os mais destacados dentro da primeira geração são Max Aub (1903-1972), Manuel Andújar (1913-1994), e na segunda geração Arturo Soto Alabarce

(1930- 2013), José de la Colina (1934). É estranho que Luisa Carnés não encontre-se nesta relação. Se considerarmos os autores por volume de produção de contos, Luisa Carnés estaria em segundo lugar, sendo superada somente por Max Aub. É bem provável que Luisa Carnés tenha sido esquecida da lista dos autores da narrativa de exílio por ser mulher.

A primeira menção aos contos de Luisa Carnés encontra-se no *Dicionário de escritores mexicanos do século XX*, que apresenta uma relação detalhada de sua produção, essa é a primeira e única antologia da narrativa breve do exílio. A obra de Luisa Carnés se apoia em uma escrita de base realista, são histórias calçadas em seu entorno, adornadas com a imaginação. Seus contos se orientam em duas direções temporais, por uma parte tratam de temas e questões que se relacionam com a Guerra Civil ou em período anterior a ela. Mais tarde, quando a Segunda Guerra Mundial termina, diminuem as expectativas de um retorno para pátria abandonada, e seus contos compartilham o cenário entre Espanha e México, diversificando sua temática a partir dos anos cinquenta do século XX, combinando sua prosa com passado e presente.

Os contos de Luisa permitem distinguir sua obra em dois períodos, igual ao que acontece com outros escritores de exílio, como por exemplo, Max Aub. O primeiro período de aprendizagem e experimentação, que corresponde ao intervalo de 1923-1932, e o segundo onde a autora firmou seu compromisso com a realidade histórica em que viveu- a que permanece na Espanha e a que conheceu no exílio. Dentro da literatura espanhola da década de 1920, Luisa Carnés representa um caso de grande



precocidade, sua escrita cada vez mais fluída, no terreno literário, abriu caminho para mulheres que representavam uma minoria no período.

Apesar do tempo, e das recentes publicações da obra de Luisa Carnés, muito de sua produção literária ainda encontra-se inédita e não localizada. A obra carnesiana nos anos de exílio deve ser analisada como uma experiência de ensino sobre um conjunto humano, que refez sua vida em países diferentes, com línguas estranhas à língua materna, que contribuíram para recuperação histórica da Espanha. Refletem parte de uma memória que se encontra partida pela circunstância histórica, onde o tema do regresso mostra essa divergência entre um passado idealizado e um presente que não é vivido como tal.

REFERÊNCIAS

CARNÉS, Luisa. **El eslabón perdido**. (Biblioteca del Exilio. ed. Antonio Plaza) Sevilla: Renacimiento, 2002.

_____. **De Barcelona a la Bretaña francesa**. (Biblioteca del Exilio). Renacimiento: Sevilla, 2014.

OLMEDO, Iliana. **Itinerários de exílio**. Sevilha: Editorial Renascimento, 2014.

_____. **Narrar o trauma: A questão dos Testemunhos de catástrofes históricas**. PSIC. CLIN, Rio de Janeiro, vol.20, n.1, 2008, p. 65-82.

PLAZA, Antonio Plaza. Carnés Caballero, Luisa, en Manuel Aznar Soler y José Ramón López García, eds., **Diccionario biobibliográfico de los escritores, editoriales y revistas del exilio**. vol.1, 1939, Renacimiento (Biblioteca del Exilio), Sevilla, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Globalização, tradução e memória**. In: Cadernos de Tradução: Florianópolis, EDUFSC/Núcleo de Tradução, vol. 04, 1996, p.151-166.



Linguagens & Cidadania

SOMMER,
just a

Doris. **Not
Personal**

History: Women's Testimonies and Plural Self. Bella Brodzki and Celeste Schenk,
eds.: Ithaca, Cornell University Press, 1988.